

## ***Mansão 80: reprise cômico-afetiva de lembranças oitentistas***

*Por Livia Mattos<sup>1</sup>*

Com ousadia e destreza, a La Cascata Cia Cômica trouxe para o espetáculo *Mansão 80*, diversos signos e referência da infância na década de 1980, abarcando também a infância na década de 90, como um tempo de muitas reprises oitentistas. Destaco a coragem, no sentido que pretende-se que seja um espetáculo que comunique ao público infantil atual, hoje repleto de telas de celulares, tablets e computadores. Dessa forma, o diretor Márcio Douglas e seu elenco - Jean de Oliveira, Jonas de Paula, Dani Majzoub, Adriano Zaca - confiaram nos jogos cômicos travados entre seus personagens para segurar o público infanto-juvenil, mesmo que eles não entendessem todas as citações, e acalentou o público adulto com as lembranças desses tempos idos.

Partindo de uma reprise clássica dos circos itinerantes brasileiros, "O Caveirão", que se apresenta até hoje país adentro, foi construída uma dramaturgia conduzida por três palhaços - Sossego, Olívia e Thompson - que formam uma equipe de mudanças que vão prestar serviço numa mansão mal assombrada. Sossego assemelha-se à postura de um palhaço branco, assumindo o papel de chefe, mas que pensa que manda, nada faz e tira vantagem com a realização

---

<sup>1</sup> Livia Mattos é circense, acordeonista, cantautora e socióloga. Nascida em Salvador/BA, dedica-se à pesquisa sobre o circo brasileiro - sobretudo no que tange a sua interface com a música - documentando narrativas de circenses veteranos e desenvolvendo trabalhos autorais no campo cênico-musical há 18 anos. Destaca-se, dentro da sua produção criativa, "A Sanfonástica Mulher-lona", "As trigêmeas", "Mono Amour", "Sanfona aérea", "A Lira da Lona" e o mais novo "Retumbantes" - além do seu álbum "Vinha da ida", lançado pela Natura Musical. Atualmente, é mestranda em Artes, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

alheia. Contrapondo essa função, temos Thompson, assumindo um papel de Augusto, que não consegue realizar nada direito com suas atrapalhões. No final das contas, quem comanda tudo é Olívia, que se aproxima da função de "Chiquinha", do seriado *Chaves* - que foi uma referência na construção do espetáculo. Não posso esquecer de mencionar o fantasma, assumido por Adriano Zaca, fundamental para a dramaturgia. O jogo cômico acontece entre esses quatro personagens, de forma que nos remete diretamente a *Os Trapalhões*<sup>2</sup>, na cumplicidade, comicidade e esperteza, sempre querendo passar a perna no outro ou se dar bem acima de tudo. Reforçando as citações dos sucessos oitentistas, a dramaturgia, feita pelo grupo, e figurinos, de Ivani Melo, nos rememora *Os Caça Fantasmas*<sup>3</sup>. É fundamental ressaltar a preocupação do grupo em não colocar a única mulher em cena numa posição de submissão, que segundo os seus integrantes, foi se consolidando no estradar do espetáculo e com a entrada do artista Jonas, que alterou a polarização entre os personagens. É necessário que, em pleno século XXI, reflitamos sempre sobre o papel e posição das personagens femininas no teatro, como toda questão de gênero, para não reproduzir discursos hegemônicos patriarcais que não tem o menor cabimento - ainda que constantes e reincidentes em nossa sociedade.

O espetáculo ocorreu em formato pré-gravado, com uma câmera parada central, que não nos deixou aproveitar certos detalhes que acredito que seriam visíveis de forma presencial. São os desafios pandêmicos, que fora as dificuldades com as condições materiais de produção, nos coloca empecilhos terríveis à arte da palhaçaria. Mas desfrutei com prazer da apresentação, das "músicas que marcaram época", de rever os artistas Jonas e Dani - que conheci há poucos



<sup>2</sup> Grupo cômico formado, na parte mais divulgada, por Didi (Renato Aragão), Dedé (Manfried Santana), Mussum (Antônio Carlos Bernardes Gomes) e Zacarias (Mauro Faccio Gonçalves), que realizaram diversos filmes - desde a década de 60 - e seriados, veiculados amplamente em rede televisiva aberta nacional.

<sup>3</sup> Filme estadunidense, de 1984, dirigido por Ivan Reitman e escrito por Harold Ramis e Dan Aykroyd, que marcou a época e a geração dessa década.

dias em outros espetáculos do Festivale - e estou me inebriando em ser apresentada à produção teatral de São José dos Campos! Viva! Há muito por se fazer!